

TARÔ E ARQUÉTIPOS

Lanny Dorin*

RESUMO:

Este artigo sintetiza a análise junguiana das cartas do Tarô de Marselha, feita por Sallie Nichols, que usou o baralho como técnica projetiva. E também apresenta o correspondente Tarô dos Deuses, com dados sobre as figuras mitológicas nele representadas e uma relação de traços opostos da psique, os arquétipos sugeridos pelas imagens das cartas.

ABSTRACT:

This article synthesizes the Jungian analysis of the Marseilles Tarot's cards made by Sallie Nichols, who used the pack of cards like a projective technic. It has also the Gods Tarot, and data about them mythologic pictures. In conclusion, there are a list of opposed psychic traits, or archetypes, suggested by the pictures of the cards.

INTRODUÇÃO

O baralho de tarôs, ou o Tarô (Tarocco no Italiano antigo; Tarok em Alemão; Tarot ou Tarau em Francês), originário da Europa Central, embora suas raízes sejam milenares, é constituído de 22 cartas (trunfos ou naipes), sendo 21 numeradas de I a XXI e uma sem número, conhecida como O Louco (Le Fou, em antigo Tarô francês; 11 Matto, no italiano; The Fool, no inglês), que é O Poeta no Tarô dos Deuses, o Curinga (do quimbundo curinga = matar), representando o bobo da corte, o coringa, pessoa feia e raquítica, cuja personalidade tem como traços marcantes a infantilidade, a ingenuidade, a inteligência, a bizarrice, a engenhosidade, a intuição, a irresponsabilidade, a graça e a loucura.

Os desenhos dos tarôs (cartas) têm significados esotéricos (de conhecimento dos iniciados e ocultos para leigos) e são representações simbólicas de arquétipos. São símbolos (e não meros sinais) eternos em nossa vida e ubíquos, isto é, presentes em toda parte.

Cada carta do Tarô é uma imagem arquetípica, isto é, uma figura que representa um conjunto de arquétipos (motivos da espécie) pertencentes ao inconsciente coletivo. Mesmo que em diferentes baralhos alguns traços sejam dessemelhantes, essas figuras possuem características eternas da espécie e se encontram em situações que se repetem em todos os tempos. Logo, os personagens do baralho estão

* Pedagogo (PUCCAMP, 1960), mestre em Psicologia pela (USP, 1981), jornalista (MTb, 19.970) e escritor.

em situações que todos nós, de um ou de outro modo, estaremos em certos instantes ou fases de nossa vida. Em resumo, cada carta é representativa de vários traços da psique humana, sintetizados numa denominação: Papisa (a grande Mãe), Mago, Imperatriz, Louco, etc.

Os arquétipos existem em forma de opostos na psique (conjunto de fenômenos psíquicos conscientes e inconscientes), tanto na individual como na coletiva (objetiva). Eles estão sempre em luta, ora preponderando uns, ora outros. Caberá ao ego (centro da consciência) esforçar-se por conhecê-los na psique individual (autoconhecimento com auxílio da Psicologia Analítica de Jung e seus seguidores) e na coletiva (conhecimento das grandes religiões, das ciências humanas, das artes, das mitologias, dos folclores, dos sonhos e das psicoses).

Aos interessados em estudar a psique humana, é indispensável o conhecimento das mitologias, principalmente a grega, pela riqueza de encontros arquetípicos nos seus mitos.

Mito, do grego *mythos*, significa uma história de origem popular, transmitida através de gerações, que relata de forma ampliada as forças da natureza e aspectos da condição humana. Os mitos, as fábulas, como disse Jung, são histórias de encontros arquetípicos. "Como o conto de fadas é análogo às atividades do complexo pessoal, o mito é uma metáfora para as atividades do arquétipo *per se*" (SAMUELS, SHORTER e PLAUT, 1988: 127-29). Eles são projeções da psique e nos mostram a vida que tiveram os "primitivos", no dizer de JUNG (1977). Ou seja, o mitologema, a narrativa mítica, sempre tem uma figura representando traços da psique humana hiperdimensionados (para a consciência). Exemplo? Ulisses, o maior dos heróis na cultura grega.

As cartas do Tarô, como figuras de testes projetivos, permitem ao indivíduo a projeção de seus complexos, cujos núcleos são os arquétipos. A partir dessa projeção e seu entendimento (com a ajuda de um psicólogo que conheça as teorias e os procedimentos de análise junguianos), a pessoa pode se conscientizar de alguns complexos (e arquétipos) que no momento estão desempenhando importante papel no seu pensamento e no seu comportamento. Ou seja, as figuras do baralho possibilitam ao ego "pescar" no inconsciente alguns complexos, que são contornos pessoais dos arquétipos, e depois tentar descobrir o que eles estão fazendo. E isto ocorre porque, ao se projetar, a pessoa transfere à imagem da carta as idéias com forte carga afetiva (complexos) que estão mais próximas da consciência. Assim, o Tarô não diz o que você é e nem prevê o seu futuro. Na verdade, ele é um desses instrumentos seculares que ajudam as pessoas a se conhecerem e a conhecerem a humanidade.

Todas as figuras humanas do Tarô e as situações ensejadas existem na realidade. Algumas são vistas a olho nu (como o Louco que vagueia pela cidade) e outras só com lente de aumento (como a Grande Mãe, a Papisa, pela maioria dos filhos que vivem bem abrigados sob as asas enormes dessa "galinha Conchinchina").

Há em todos nós uma inclinação repressiva para não percebermos nos outros aqueles traços de personalidade que poderiam ser dicas para melhor nos conhecermos. Essa tendência repressora decorre do medo inconsciente de mudança, dado que mudança implica em sofrimento. Mas, seria possível o aprimoramento ou a redenção sem sofrimento? Não. Quem quiser o céu (iluminação, compreensão da vida e equilíbrio da psique), terá que conquistá-lo.

Quem vive em contradição contínua entre o que está sendo e o mundo exterior, não terá como evitar as exigências do self para vir a ser o que potencialmente é. Mas, como se preparar para essa missão, precavendo-se dos perigos do sucesso e sabendo tirar proveito do fracasso? É o que uma verdadeira educação poderá nos dar, pois ela amplia o campo do ego e lhe oferece os meios para a individuação, processo que implica na realização do self (auto-realização). Quer dizer, ele (o ego) vai ao encontro do self para realizar (atualizar) o que de mais elevado este possui. Em realizando valores, a pessoa individualiza-se. E quanto mais individualizada for, menos individualista será.

O que se poderia perguntar é quais são os mais nobres valores humanos a serem realizados. Feliz ou infelizmente, não há uma resposta conclusiva. Os mais caros valores humanos temos que deduzir da existência dos heróis, dos mártires, dos gênios, dos sábios, dos iluminados, dos velhos com integridade e das crianças pequenas. Estas simbolizam a natureza em nós, o self ainda puro, totalmente desconhecido pelo ego e que, como o sol, a lua, o ar, os rios, as árvores, os pássaros e tudo o mais que, simplesmente, existe.

Após deduzir que o Tarô oferecia uma representação pictórica dos arquétipos, SALLY NICHOLS (1991) deve ter pensado: “Aí está a chave”. Chave do quê? Do significado das imagens que simbolizam forças “instintuais” em situações inerentes à existência humana, porque os fatos humanos sempre são determinados pelos arquétipos de nossa psique.

O Tarô, como diz Sally Nichols, é o mundo que você deve ler simbolicamente. E como cada pessoa é em si um mundo, ao tentar compreender o que as cartas dizem, você estará procurando conhecer a psique humana.

O Tarô, como qualquer outro instrumento auxiliar para o autoconhecimento, não nos diz o que ocorrerá na vida particular de um indivíduo. Quem assim pensa está no caminho errado e valendo-se de uma dedução que normalmente tiramos da leitura das cartas: todos nós temos traços de personalidade centrais ou periféricos, ocultos ou visíveis dos personagens do Tarô, e nas diferentes fases ou momentos do nosso existir vivenciamos as situações que eles nos apresentam.

Essa jornada arquetípica de Nichols nos ajuda a entender melhor a natureza humana. Mas, se após lê-la concluirmos que o nosso ideal é o Eremita, o Velho Sábio, o deus Cronos (Tempo), não devemos nos esquecer das palavras da autora: “... o frade aqui retratado” – ela se refere à carta do baralho de Marselha – “personifica uma sabedoria que não se encontra em livros” (NICHOLS, 1991: 169). Muito menos na boca dos “gurus”, que, a pretexto de nos dizerem o que será nossa vida

amanhã, levam o dinheiro que ontem ganhamos com muito sacrifício.

Com base na citada obra de Nichols e outras leituras (CAMPBELL, 1988, 1990; EDINGER, 1989; FRANZ, 1992; GUIMARÃES, 1983; JUNG, C. G., 1975, 1977, 1986, 1988, 1991; JUNG, E., 1991; WHITMONT, 1990), resumimos alguns dos traços psíquicos (opostos) que os símbolos do Tarô sugerem.

O LOUCO (TARÔ DE MARSELHA)
O POETA (TARÔ DOS DEUSES)

Ligação do mundo racional – o da palavra (Logos) ao não-verbal – o da imaginação (Eros), é o profeta e poeta, que se move fora do espaço e do tempo. É aquele que não tem número; é o círculo e seu centro (self junguiano).

Mais andrógino que os outros tipos, é o Eros em luta contra o Logos. Os opostos de sua psique estão em constante combate e sempre buscando o significado das coisas e da vida. Ele é o ser humano que deseja ser tudo ao mesmo tempo, como, em parte, tenta no Carnaval.

opostos

alegria, infantilidade, aventureirismo, espírito sonhador, simplicidade, graça, avidez, espontaneidade, ingenuidade, indiferença pelo social, isolamento, criatividade, genialidade, seriedade, espírito folgazão.

tristeza, safadeza, boêmia, imobilidade, solidão, complexidade, introversão, falsidade, dispersão, loucura, vagabundice, tendência à fuga, falta de confiança, desânimo, obsessão, remorso.

I - O MAGO (TARÔ DE MARSELHA)
HERMES (TARÔ DOS DEUSES)

Hermes, da mitologia grega (Mercúrio da romana) é o deus da eloquência, do comércio e dos ladrões. É o yang do Taoísmo. Manipulando o tempo e criando confusão, o Mago liga o mundo superior ao inferior, o ego ao self, e revela-nos o que somos, ajudando-nos em nossa humanização.

opostos

aventureirismo, astúcia, lirismo, equilibração, gênio do bem, comunicabilidade, vivacidade mental, criatividade, espírito comerciante, miraculosidade, dado ao sonho.

falsidade, ilusionista, desequilíbrio, incomunicabilidade, ociosidade mental, tendência ao roubo, mistificador, espírito diabólico, aproveitador dos outros, maquiavélico.

**II - PAPISA (TARÔ DE MARSELHA)
HERA (TARÔ DOS DEUSES)**

Suma sacerdotisa no Tarô de Marselha, é a deusa da fertilidade e da reprodução, do crescimento e da decadência. É a personificação da feminilidade. Simboliza o céu. Hera, esposa de Zeus, o deus supremo, é a rainha do Olimpo. Corresponde a Juno da mitologia romana. Com poderes como o Mago, é o yin do Taoísmo.

A Papisa é a mãe coletiva. É a Virgem, a espiritualidade. Tem a magia da lua e a profundidade e o perigo do mar. Por ser sua essência paradoxal, é conhecendo-a que o homem se conhecerá, porque ela representa o self junguiano espiritualmente desenvolvido.

opostos

receptividade, sensatez, paciência, espera, passividade, compreensão, fidelidade, moralismo, espírito frio, escuro e fluido (como a água), persistência, amorosidade, alma fechada e misteriosa, segurança, sabedoria, poderes não-verbais, percepção, praticidade, intuição, pitonisa.

ignorância, ciúme, rancor, egoísmo, possessividade, infidelidade, vingança, dominação, melancolia, controle, mutabilidade, presunção, impiedade, tradicionalismo, severidade, dureza, rudez.

**III - A IMPERATRIZ (TARÔ DE MARSELHA)
DEMÉTER (TARÔ DOS DEUSES)**

Governante do reino mundano, é a Madona, a Grande Mãe, a Rainha do Céu e da Terra, isto é, o elo de ligação entre espírito e carne. Ceres, na mitologia romana, era a deusa da colheita (de cereais). É a mãe individual, que guarda relação com a coletiva (Papisa). É Lilith, a que queria igualdade com Adão, a qual lhe foi negada. Corresponderia à Papisa governando o mundo, ligando yang a yin.

opostos

dinamismo, sedução, feminina, deusa, madona, sociabilidade, disposição, decisão, ação, conclusão, governo pelo amor, amorosidade, criatividade feminina, inovação.

fraqueza, futilidade, abandono, esterilidade, cruel mãe natureza, poder asfixiante, vacilação, infidelidade, invejosa, madrasta cruel, feiticeira, pobreza de espírito, interesseira, mulher fatal, autoritária, Kali (esposa de Shiva, sedenta de sangue).

IV - A IMPERADOR (TARÔ DE MARSELHA) DIONÍSO (TARÔ DOS DEUSES)

Representa o princípio masculino ativo (yang, como a Imperatriz é yin, é Eros), com a visão das dimensões da vida. Inspirador e defensor da civilização, é o pai da palavra criativa (o Verbo). É o Logos (a razão), ou a consciência (percepção, intuição, pensamento e sentimento), com o pensamento sendo a função especial, as auxiliares a percepção e o sentimento, e a inferior, a intuição.

O Imperador percebe e pensa, põe ordem no jardim da Imperatriz, constrói a cidade e estabelece vias de comunicação. Se protege o seu império, inspira, constrói e defende a civilização. É o Patriarca, que porta a bússola. É o ego no trono, belo e respeitável, porque justo, forte e corajoso.

opostos

segurança, energia, poder, maturidade, imaginação, temperamento frio, espírito calculista e crítico, ponderado, progressista, liderança democrática, estabilidade, organização, realização, honestidade.

imaturidade, inércia, relaxamento, futilidade, liderança autoritária, incompetência, indiferença, radicalismo, reacionarismo, temperamento voluntário e colérico limitação, rudez, indecisão, obtusidade.

V - O PAPA (TARÔ DE MARSELHA) ZEUS (TARÔ DOS DEUSES)

Zeus (o Júpiter dos romanos) é o deus dos deuses gregos. O Papa (do grego páppas = avô) é a face visível de Deus; é o elo, a ponte de ligação do humano com a divindade. Representa a transcendência, o ir além das fronteiras do humano e unir-se ao Todo. Isto significa que este número 5 (quinta essência), este andrógino (une em si os traços dos dois sexos), liga o mundo interno ao externo com mais consciência do que com intuição. Representa a experiência, a lei, o dogma. Portanto, junto com o Imperador, personifica o animus (o sábio e sentimental lado masculino na mulher) e, é claro, o Logos do homem. Como Zeus, o Papa enfeixa poderes salutar e destrutivos. Essa nossa voz interior, que julga (superego), tem o poder de elogiar e vilipendiar, de elevar ou destruir.

opostos

luz, espírito, legislador, equilíbrio, grandeza, onipotência, poder dirigido, autoridade, justiça, humanismo, moralidade, convencionalismo.

sombra, espírito dogmático, fanatismo, fraqueza, vulnerabilidade, submissão, bondade excessiva, corrupção, prepotência, anticonvencionalismo.

VI - O ENAMORADO (TARÔ DE MARSELHA)
A ESCOLHA DE HÉRCULES (TARÔ DOS DEUSES)

Hércules (ou Herácles, como o chamavam os gregos), significa “a glória de Hera”, a qual, por ciúme, tentou eliminá-lo ainda no berço. Ele, porém, estrangulou as serpentes enviadas por Hera. Sua vida caracterizou-se, então, pelo contínuo conflito entre a solução pela força física ou pelo intelecto, já que sempre viveu sendo desafiado. No seu primeiro trabalho, afogou o leão de Nemén e no décimo segundo libertou Teseu dos infernos. Coube-lhe ainda a tarefa de libertar Prometeu.

O Enamorado é o ego jovem e vigoroso, pronto para enfrentar sozinho os desafios desta existência. Terá que se decidir e assumir. Na carta do Tarô de Marselha, entre duas mulheres (princípio yin), talvez a mãe e a namorada (que no fundo é a sua anima), ou ainda a esposa e a amante. É o triângulo amoroso com seus conflitos.

Que traços revela o Enamorado, esse jovem em quem a consciência e a força instintual sexual duelam?

opostos

vigor, prudência, beleza, cautela, força, otimismo, decisão, vivacidade mental, livre-arbítrio, liberdade, confiança, gosto pelos desafios, renúncia aos prazeres.

fraqueza, imprudência, dispersão, insatisfação, afoiteza, dúvida, inocência, dependência, irresponsabilidade, infidelidade sentimental.

VII - O CARRO (TARÔ DE MARSELHA)
ARES (TARÔ DOS DEUSES)

Ares (Marte dos romanos) é o deus grego da guerra, do ataque e da defesa. O carro é um veículo de poder e conquista. Simboliza o meio pelo qual o ego equilibra a luta dos opostos e leva adiante o processo de individuação. Equilibrado, é o ego funcionando em sintonia com o self (o eu maior). Como guerreiro, o ego tem que matar o dragão (o orgulho).

opostos

força, segurança, liderança, domínio, operosidade, impulsividade, coragem, valentia, passionalidade, equilíbrio, sucesso, triunfo, amorosidade.

machismo, egocentrismo, teomania (mania de Deus), descontrole, chauvinismo (nacionalismo exagerado), insensibilidade, fraqueza, explosividade, agressividade, brutalidade, rudez, orgulho, arrogância, belicosidade.

VIII - JUSTIÇA (TARÔ DE MARSELHA)
TÊMIS E NÊMESIS (TARÔ DOS DEUSES)

Têmis é a deusa da ordem e da justiça. Nêmesis, da ira justiceira, da vingança divina ou da retribuição. Ambas estão sempre juntas, como cara e coroa de uma mesma moeda.

A figura feminina da Justiça representa o poder feminino sobre-humano. Com a espada, cortará as ilusões e muitas pretensões. É a união harmoniosa entre a neutralidade e a parcialidade.

opostos

justiça, ordem, disciplina, ponderação, sentimento, imparcialidade, decisão, austeridade, resolução.

retaliação, intolerância, prejuízo, autoritarismo, emoção, severidade excessiva, punição, abuso.

IX - O EREMITA (TARÔ DE MARSELHA)
CRONOS (TARÔ DOS DEUSES)

Deus do tempo, Cronos (o Saturno dos romanos) é o que acumulou conhecimento, tem estudo, paciência e discrição. É o Velho Sábio arquetípico, na terminologia junguiana. Ilumina a parte escura da psique, porque é o arquétipo do espírito. Ao contrário dos que têm o saber ou o poder institucionalizado, ele o tem além deste espaço e deste tempo.

opostos

luz, esperança, prudência, sabedoria, paciência, equilíbrio de yang e yin (unidade interior), discrição.

vazio, tristeza, angústia, destruição, indiferença, desconfiança, isolamento, solidão.

X - A RODA DA FORTUNA (TARÔ DE MARSELHA)
A ESFINGE (TARÔ DOS DEUSES)

A Esfinge era uma criatura com cabeça e peito de mulher, corpo de leão, asas de águia e rabo de serpente. Ela sempre propunha uma charada aos que passavam pelo monte de Tébas, onde vivia. Foi Édipo quem decifrou sua charada e por isso o povo de Tébas o fez rei.

A Roda da Fortuna tem de um lado o macaco (associado a Tífon, deus da destruição) e de outro um animal estranho com cabeça de cachorro (associado a

Anúbis, o bom). Anúbis está subindo e Tífon descendo. No alto, há um animal amorfo e que deve ser amoral. Quem sobe, desce; e vice-versa.

Esses opostos são duas formas de libido animal inconsciente. Yang domina e organiza; yin recebe e contém. Quem sobe levado pela húbri (arrogância, querer sempre mais) e pretende se elevar à Fortuna, ela rebaixa. Ela o força a humanizar-se.

A Roda também sugere as limitações da natureza animal (“instintos”) e uma forma de samsara, de nascer e morrer continuamente e de muitas formas.

(Anúbis pertence à mitologia egípcia. Era filho de Osiris e irmão de Horus. Representavam-no como um homem com cabeça de cão ou chacal.

Simbolicamente, o cachorro é o amigo do homem, o fiel companheiro e o condutor – psicopompo – de almas, como mostra Kurosawa no filme *Sonhos*.

opostos

movimento, mudança, transitoriedade, temporalidade, ascensão, aquisição, supremacia, evidência, fama, bom senso, continuidade, auto-estima, bem-estar.

estabilidade, eternidade, queda, fracasso, esquecimento, inconstância, interrupção, retrocesso, anonimato, impulsividade, autodepreciação, mau-humor.

XI - A FORÇA (TARÔ DE MARSELHA) ATENA (TARÔ DOS DEUSES)

A Força pode ser a alma, que simboliza o lado feminino, sábio e sentimental, do inconsciente do herói. Atena é a deusa da inteligência, das artes e do saber, protetora de Atenas. É a Minerva dos romanos, contra a qual só Ares (Marte) poderia combater em campo de batalha, dada à sua sabedoria e destreza. Era sábia e invencível.

Com Atena, o herói explora com segurança seu inconsciente mais profundo, sua sombra.

opostos

sabedoria, compreensão do mundo, domínio do ego, autodisciplina, equilíbrio, engenhosidade, musicalidade, caráter firme, poder, lógica, dedicação, confiança em si mesmo, magnetismo, refinamento, educação.

desprezo intelectual pelos outros, vaidade, orgulho, ira, agressividade generalizada, desumanidade, repressão, dispersividade, impulsividade, insensibilidade, insegurança, ignorância, brutalidade. repressão, ignorância, brutalidade.

XII - O ENFORCADO (TARÔ DE MARSELHA) PROMETEU (TARÔ DOS DEUSES)

Prometeu foi o criador da Humanidade, tendo feito o primeiro homem com barro e lágrimas. Nesse Homem, Atena infundiu a alma, a vida. Esta Atena levou Prometeu ao Olimpo. E, ao descer do céu, passando pelo carro de Apolo, Prometeu roubou uma fagulha do fogo divino para dá-la ao homem. E deu-a. Foi por isso punido por Zeus. Acorrentado ao Cáucaso, uma águia durante o dia arrancava-lhe o fígado e o devorava. Mas à noite outro fígado aparecia em Prometeu. Era a contínua tortura, que só terminou porque Hércules o salvou, matando a águia.

Para os gregos, o fígado era a sede dos humores que determinavam as disposições afetivas (veja a teoria de Hipócrates sobre os tipos de temperamento).

Prometeu, o que auxilia o homem e desagrade os deuses, o rebelde criador da Civilização, simboliza a Humanidade. Esperto, forte, sério e belo, ele representa o ideal do sacrifício (de sacro, sagrado) pelo próximo.

O Enforcado está nas mãos do Destino (força imaginária ou real que preside o curso dos eventos; para os gregos, força real, um deus, tal qual o determinismo das ciências a partir do séc. XIX). Está à mercê dos deuses, como os animais. Todavia, ele tem consciência e pode aceitar o destino conscientemente, para tentar decifrá-lo, buscar seu significado.

O Enforcado está de ponta cabeça, isto é, mergulhado no inconsciente e pede a ajuda dos deuses (mitos, arquétipos) para ter paciência, coragem e aceitação do sofrimento, que é o conhecer a si mesmo em profundidade. Se compreender a crucificação (de cruz), estará na vida com nova consciência e um ego (centro dela) maior e mais consciente.

opostos

liberalismo, paciência, abnegação, perfeição moral, coragem, esforço, altruísmo, sacrifício por ideais (idealismo), esperteza, pragmatismo (a alma que Atena lhe deu).

fuga da realidade, fraqueza, ideais inatingíveis, falta de vontade, excessiva confiança, fatalismo, dependência dos outros, um organismo que veio do pó e ao pó voltará (inconsciente do que deveria ter consciência, alienado).

XIII - A MORTE (TARÔ DE MARSELHA) HADES (TARÔ DOS DEUSES)

Hades é o deus dos Infernos. Designa também o mundo inferior (do latino infernus = região inferior). Na partilha do Universo, esse Plutão dos romanos, ficou com o império de baixo, dos Infernos, tendo Perséfone como rainha e esposa. Graças a seu capacete, que o tornava invisível, podia transitar pelo mundo terreno fazendo

sua obra sem ser obstaculizado.

A Morte representa a poda do velho, os hábitos que devem ceder lugar aos novos, brotos com vida. O hiato entre fim e novo começo, estabilidade e movimento, morrer e renascer gera um período de aflição (ansiedade), angústia e pânico. A Morte, assim, simboliza transformação. É representada pelo esqueleto ósseo, porque este é a parte mais profunda do corpo e, portanto, intocável. Quando a pessoa é enterrada, o que ficará depois é o que veio em primeiro lugar com sua consciência da natureza humana “a única coisa que sei e não duvido é que morrerei”.

Impessoal (e andrógina), universal e eterna, a morte é o outro lado da moeda que traz a fecundação, a regeneração e a renovação. É também um enigma a ser decifrado quando se morre. Mas o todo – a vida – é feito de partes: morre-se e se renasce a cada segundo, como ensina o Budismo, sendo que na luta dos opostos o que morre não se extingue para sempre. Fica apenas menos potente ou saliente.

Morte pertence ao lado yin (porque limitação carnal), mas é usualmente mencionada como masculina. A ela sempre estiveram associados inúmeros rituais. “Com o colapso da religião organizada, esses modos rituais de enfrentar a morte se acabam perdendo e, uma vez que a idéia da morte é tão monstruosa que não podemos enfrentá-la sozinhos, até há pouco tempo simplesmente a varriamos para debaixo do tapete. Na última década, como discutiremos mais tarde, começamos a explorar novas maneiras de aceitar o problema universal da mortalidade física e de lidar com ele” (NICHOLS, 1991: 234).

“A Natureza pouco se preocupa com o indivíduo; seus esforços propendem tão somente para a preservação da espécie” (NICHOLS, 1991: 236)

opostos

desprendimento, energia, doação, lucidez mental, amor, alegria, transformação radical, renovação, radicalismo, renascimento, inovação, reorganização, reassimilação.

fraqueza, imobilidade, medo, horror, estagnação, angústia existencial, apego ao corpo, amargura, ruína, avareza, fuga, apego ao velho (conservadorismo), desestruturação, pragmatismo.

“O treze simboliza morte e nascimento, mudança e retomada após o final. Por isto marcada caracteristicamente com um valor adverso” (CIRLOT, 1984: 415). Embora seja número de mau agouro, não devemos entendê-lo só nesse sentido para não fugirmos à dialética. O motivo de 13 ser agourento está na literatura sagrada de alguns povos e não na de outros. Citemos apenas algumas alusões negativas: Zeus é o maior, mas é o décimo terceiro no cortejo de seus deuses subordinados. Ao acrescentar sua estátua à dos 12 deuses, Felipe da Macedônia morreu. A Cabala enumera 13 espíritos do mal. O 13º capítulo do Apocalipse é o do Anticristo e da Besta. Cristo teve doze apóstolos, um dos quais seu traidor. À Santa Ceia estavam os 13 do grupo (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1989).

**XIV - TEMPERANÇA (TARÔ DE MARSELHA)
ÍRIS (TARÔ DOS DEUSES)**

Íris – deusa do arco-íris – é quem cortava o cordão que ligava a alma ao corpo, cumprindo a missão que sua mãe Hera (Juno dos romanos) lhe outorgara. Era a ligação entre o céu (alma) e a terra (corpo), entre os deuses e os homens.

Essa figura alada (sobre-humana) simboliza libertação. De quê? Das mesquinhas coisas mundanas. É um anjo mágico ligado à intuição, à transformação e à libertação decorrentes da ligação do homem com o mundo arquetípico do inconsciente.

Esta Tempestade (o verbo latino temperare significa pôr no grau de força, de movimento, de intensidade conveniente; pôr tempero é dar constância, moderar, harmonizar) lida com a água e o sol; daí porque é considerada a alquimista da natureza.

opostos

equilíbrio, autocontrole, calma, paciência, serenidade, ponderação, moderação, estabilidade, harmonia.

desequilíbrio, descontrole, discórdia, agitação, esterilidade, parcialidade, frustração, instabilidade, decepção.

**XV - O DIABO (TARÔ DE MARSELHA)
PÃ (TARÔ DOS DEUSES)**

Este anjo negro que tocava flauta, deus da floresta (vivia na Arcádia), desafiou Apolo para ver quem tocava melhor. Midas deu vitória a Pã. Agressivo com quem adentrava muito à sua floresta, invejoso, orgulhoso e vaidoso (senso inflado do próprio valor), Pã também envolvia as pessoas e as dominava. Ou seja, era uma tentação. E tentar era seu estilo de vida.

É claro que Pã – o Diabo – continua vivo no inconsciente de cada um de nós. Como, aliás, todos os deuses (mitos).

opostos

capacidade de influenciar, dom de encantar, vivacidade, paixões, sutilidade, firmeza de opinião, punição, resistência, maquiavelismo, matreirice.

libertinagem, luxúria, ambição, demasiada auto-estima, inveja, tentação, hipocrisia, destrutividade, degeneração, fanatismo, maldade, violência.

O Diabo é uma figura ambivalente, mas vemos nele mais o lado sinistro e grotesco do inconsciente, a natureza selvagem original, disse Jung. É a sombra em

seu lado negativo (negro, para o ocidental). É o oposto de Jesus Cristo. Como essa figura atua pode-se ver em Iago, personagem da peça *Otelo*, de William Shakespeare.

O Diabo é também o bode expiatório. Por isso, modernamente, é o computador.

XVI - A TORRE DA DESTRUIÇÃO (TARÔ DE MARSELHA) **A IRA DE POSEIDON (TARÔ DOS DEUSES)**

Essa Torre também é conhecida como A Casa de Deus, Dieu, em Francês, palavra cuja origem muitos relacionam a *feu*, fogo.

Poseidon ou Posídon (Netuno dos romanos) é o deus dos oceanos, mares, rios e lagos. E se uma extensão de água simboliza o inconsciente coletivo, ele é um deus muito poderoso. Só não sabe disso quem não conhece o mar. Portanto, cuidado com o inconsciente, que, como Poseidon, vinga e destrói quem invade seu espaço sem “licença”, “sem sabedoria”.

A Torre ligaria o espírito à matéria, ego ao self, a consciência ao inconsciente. Seria uma escada pela qual o homem subiria e os deuses desceriam.

Ela é útil para a defesa, a proteção, a observação e a retirada. E como a do farol, serve para se ver longe e antecipar possíveis perigos. Mas pode também ser prisão. Podemos viver aprisionados por torres ideológicas e, portanto, “no ar”. Uma prisão que criamos com nosso orgulhoso egocentrismo.

Finalmente, é preciso lembrar que torres atraem raios, que fertilizam as águas, gerando nova vida. Queimando o orgulho, o homem é outro.

Poseidon vinga-se de quem foge muito do que é fundamental para o homem: a simplicidade pela consciência de sua pequenez em relação ao Universo.

opostos

defesa, espírito observador, consciência das limitações, libertação da prisão, mudança, nova direção.

desequilíbrio psíquico, orgulho, egocentrismo, egoísmo desmedido, ilusões, prisão ideológica, fracasso.

XVII - A ESTRELA (TARÔ DE MARSELHA) **AS PLÊIADES (TARÔ DOS DEUSES)**

As Plêiades, ou Atlântidas, são as linhas filhas de Pleione e Atlas, o Titã que foi condenado a carregar a Terra sobre os ombros. Eram 7 (em algumas versões, 15). Raptadas pelo rei do Egito, Hércules as libertou. Em seguida, Órion (o caçador) as perseguiu, encantado pela beleza das Plêiades. Elas pediram auxílio aos deuses e estes as transformaram em estrelas. Como astros com luz própria, brilhavam e

consolavam Atlas, o pai, que seguia pagando sua pena.

A Estrela é simbolizada pela mulher nua (natureza), brincando com a água do rio (energia, transformadora). Sobre ela, as estrelas, uma das quais gigante – a Grande Obra (Alquimia).

As estrelas estão sempre ligadas à imortalidade, às forças condutoras, ao caminho a seguir (a estrela de Belém, por exemplo).

Na Psicologia masculina, a estrela simboliza a alma; na feminina, um aspecto sombrio da personalidade. Como ela está em escala grandiosa, maior que a vida, poderia personificar uma qualidade muito além da sombra pessoal e mais próxima do self” (NICHOLS, 1991: 296), a estrela central da constelação psíquica.

opostos

energia, iluminação, introversão espiritual, autonomia da psique, esperança, otimismo, beleza, amor, criatividade.

desânimo, incompreensão de si mesmo, heteronomia, falta de confiança, desesperança, amargura, negatividade, desamor, estagnação.

**XVIII - A LUA (TARÔ DE MARSELHA)
ÁRTEMIS (TARÔ DOS DEUSES)**

Ártemis, a casta, era a deusa grega dos animais selvagens e da vegetação, da castidade, do nascimento e da caça, identificada pelos romanos como Diana. Apaixonou-se uma vez só e por Órion (o deus da caça), mas Apolo, seu mano, a amava e tinha ciúme de Órion, que morreu picado

por um escorpião e foi pra o céu, ficando entre os astros na constelação de Órion.

O mundo de Ártemis é o campo, entre plantas e animais. Ela é também chamada a deusa Lua, escondida durante o dia e investigadora da noite. Feiticeira e encantadora, tem o poder de seduzir e transformar os homens em animais.

Ártemis era prima e companheira de Hécate, a negra feiticeira das encruzilhadas, misteriosa, sombria, aterradora. Também propiciava os sonhos e ajudava na revelação dos mistérios ocultos.

Não se esqueça que a lua só mostra um de seus lados, o iluminado pelo sol.

opostos

silêncio, serenidade, reflexão, atração, indiferença pelo sexo oposto, espiritualidade, encantamento, castidade, amor pela vida ao ar livre, ser ecológico, tendência ao isolamento (introversão).

inconstante, insensível (fria), obscuridade (mistério), contrariedade, desesperança, imprudência, paixão, desprezo pela humanidade, misantropismo (e introversão), enigmatismo.

**XIX - O SOL (TARÔ DE MARSELHA)
APOLO (TARÔ DOS DEUSES)**

Filho de Zeus e Leto, Apolo é o deus da luz, do entendimento, da profecia e da música. Deus formoso, inteligente, equilibrado e dono da verdade, conduz o carro do sol, ele que foi expulso temporariamente do Olimpo pelo pai.

Em Apolo, “os opostos (macho-fêmea, espírito-carne, alma-corpo, etc) podem interagir diretamente e de um modo humano” (NICHOLS, 1991: 322). É o hierosgamos, o casamento (gamos) sagrado (hieros), que responde pelo equilíbrio da personalidade.

O sol é símbolo do Criador Supremo, Deus. É masculino em algumas culturas e feminino noutras, mas sempre representa o ser central. Como a criança, representa o centro do nosso inconsciente. É um dos símbolos do self junguiano. Ele “retrata o momento em que o herói, deixando para sempre o mundo das opiniões estéreis e dos dogmas formais, ingressa no mundo ensolarado da experiência direta e do conhecimento puro” (NICHOLS, 1991: 327).

Ir em busca do self, a introversão profunda, é iluminação. Como disse Jung, quem olha para fora, sonha; quem olha para dentro, acorda. Ao acordar, o homem passa a conhecer melhor os semelhantes e a natureza.

opostos

inteligência, iluminação (entendimento), equilíbrio, beleza da espécie, calor humano (generosidade), intuição, inclinação estética, simplicidade, ser musical e poético.

insegurança, fingimento, tacanhez, ingratidão, sarcasmo, narcisismo, excentricidade, primarismo, indiferença para com as artes (insensibilidade estética), desequilíbrio.

**XX - JULGAMENTO (TARÔ DE MARSELHA)
AS OLIMPÍADAS (TARÔ DOS DEUSES)**

As Olimpíadas representavam na Grécia um cerimonial aos deuses do Olimpo e ao povo grego. Era também o julgamento divino do esforço dos homens que conquistavam vitórias e glórias.

O Julgamento simboliza “a ressurreição espiritual de diversas maneiras” (NICHOLS, 1991: 329). Sempre ao som de trombetas e vozes (vibrações), nasce um novo ser humano, porque surgiu uma nova interação entre consciente e inconsciente do herói.

As 4 figuras da carta representam as 4 funções da consciência (segundo Jung, são percepção-intuição, pensamento-sentimento, irracionais e racionais, respectivamente) que respondem pela busca de compreensão e liberdade. O consciente pede perdão ao inconsciente por não tê-lo respeitado e liberta-se das fixações e do

estado alienatório. Após esse ato de contrição, essa metanóia, o ego jamais será como foi.

opostos

iluminação, vitória, renascimento, glória, esforço, inventividade, busca de novos caminhos.

incompreensão (alienação), fracasso, culpa, incerteza, sofrimento, ócio, obediência a velhos hábitos, medo do novo.

XXI - O MUNDO (TARÔ DE MARSELHA)
O OLIMPO (TARÔ DOS DEUSES)

O Olimpo era para os gregos o que o Céu é para os cristãos: um mundo noutra dimensão que tem o que este nosso tem. E a nossa psique possui a totalidade do mundo, o dos mortais e dos mitos, o que vemos com os olhos e o que existe no nosso inconsciente mais profundo. Entre ambos, está nossa consciência, com o ego sendo levado pelos ventos e pelas ondas do oceano.

Esta carta do Tarô de Marselha tem uma mulher nua dentro de uma figura ovóide (mandorla), que bem poderia ser um círculo (mandala), que é o símbolo da totalidade do ser. Então essa mulher é o self, o centro inconsciente organizador e diretor da psique; ou seja, o responsável pelo equilíbrio da personalidade (psique). E ela, ao som da música, dança, que dança é sagrado. Aliás, viver é dançar; a vida é uma dança sutil, diz o zen-budista. E se somos o mundo, não passamos de pequenas partículas dançando (vibrações).

O mundo é a *anima mundi*, a alma do mundo, o inconsciente coletivo, cujo centro é o self, o guia da Humanidade que é guiado por Deus, não o deus inventado, mas o Deus intuído, as leis que governam o Universo. O aspecto funcional, existencial da totalidade, que é a manifestação dos arquétipos, núcleos dos complexos, tem o nome de psique, ou personalidade total.

Psique, que conheceu o amor universal (Eros) e a inveja das irmãs, tinha como traço marcante a curiosidade e isto lhe custou muito caro. Assim, a psique é curiosa, e conhecer o mundo interior (self, totalidade e centro) e o exterior é o seu destino, um destino marcado pelo sofrimento.

A vida é sofrimento, isto não é segredo para as mentes despertas. Mas vida é um conceito. O que existe de concreto é o nosso viver. E o segredo do viver é dançar gentilmente, isto é, transformando as dores em prazer, em sublime alegria. É o que nos ensina o Budismo, a religião existencial- humanista. E como a vida é uma dança, retorne à carta sem número, O Louco, O Poeta, O Curinga, que só na aparência é coringa, que em Português significa pessoa anã e feia. Ao vê-la, dance e... deixe de levar tão a sério sua razão (Logos). Não se esqueça de que é ela que o escraviza, tal qual pode fazer o computador com seu proprietário. A razão nos perverte, mas ela tem o poder de se metamorfosear rapidamente: de escrava passa a rainha. Com lógica, como um computador, o Diabo, que não tem criatividade, intui-

ção e sentimento.

opostos

vegetação, leão, boi, águia, anjo, androginia espiritual, alegria, ritmo, equilíbrio, estabilidade, espontaneidade, unicidade.
Self

aridez, raposa, hiena, macaco, coruja, fragmentação, insatisfação, machismo ou feminismo estéril, repressão, ataque com defesa a não questionamento de seus complexos
Persona

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPBELL, JOSEPH (1990). *O poder do mito*. Trad. de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena. Publicado originalmente em 1988.
- CAMPBELL, JOSEPH (1988). *O herói de mil faces*. Trad. de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix / Pensamento. Publicado originalmente em 1949.
- CHEVALIER, JEAN e GHEERBRANT, ALAIN (1989). *Dicionário de símbolos*. Trad. de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. Publicado originalmente em 1982.
- CIRLOT, JUAN-EDUARDO (1984). *Dicionário de símbolos*. Trad. de Rubens E. F. Frias. São Paulo: Editora Moraes.
- EDINGER, EDWARD F. (1989). *Ego e arquétipo - individuação e função religiosa da psique*. Trad. de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Cultrix. Publicado originalmente em 1972.
- FRANZ, MARIE-LOUISE von (1992). *C. G. Jung - seu mito em nossa época*. Trad. de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Cultrix. Publicado originalmente em 1975.
- GUIMARÃES, RUTH (1983). *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo: Editora Cultrix.
- JUNG, CARL GUSTAV (1975). *C. G. Jung: memórias, sonhos e reflexões*. Trad. de Dora Ferreira da Silva. Publicado originalmente em 1961.
- _____ (1977). *O homem e seus símbolos*. Trad. de Maria L. Pinto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Publicado originalmente em 1964.

- _____ (1986). *Símbolos da transformação*. Trad. de Eva Stern. Petrópolis: Editora Vozes. Publicado originalmente em 1911-12.
- _____ (1988). *Psicologia da religião ocidental e oriental*. Trad. de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB. Petrópolis: Editora Vozes. Publicado originalmente em 1940 e, ampliado, em 1963.
- _____ (1991). *Psicologia e alquimia*. Trad. de Maria Luiza Appy, Margaret Makray e Dora Mariana R. F. da Silva. Petrópolis: Editora Vozes. Publicado originalmente em 1944.
- JUNG, EMMA (1991). *Anima s e anima*. Trad. de Dante Pignatari. São Paulo: Editora Cultrix. Publicado originalmente em 1967.
- NICHOLS, SALLIE (1991). *Jung e o Tarô - uma jornada arquetípica*. Trad. de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Editora Cultrix. Publicado originalmente em 1980.
- SAMUELS, A.; SHORTER, B.; e PLAUT, FRED (1988). *Dicionário crítico de análise junguiana*. Trad. de Pedro Ratis e Silva. Rio de Janeiro: IMAGO EDITORA LTDA.
- WHITMONT, EDWARD C. (1990). *A busca do símbolo - conceitos básicos de psicologia analítica*. Trad. de Eliane Fittipaldi Pereira e Kátia Maria Orberg. São Paulo: Editora Cultrix. Publicado originalmente em 1969.